

09-11-2020

Arnaldo Coelho
Faculdade de Economia de Coimbra



Não será a hora de uma palavra de esperança?

Começo esta opinião por um relato na primeira pessoa: quis o destino que a notícia sobre as últimas medidas restritivas para mitigar a pandemia me colhesse na presença de um pequeno/médio empresário que as recebeu com tremores, stress total e um desmaio. Passado o primeiro impacto, não me pude impedir de pensar sobre o que se estaria a passar no resto do país, com todas as pessoas que estão a ser duramente afetadas pela pandemia e por uma sucessão de medidas erráticas, pouco sistemáticas, nem sempre coerentes e muitas vezes desprovidas de uma perspetiva de eficácia no combate à epidemia. Não é fácil estar no papel de



**“
Não é fácil estar no papel de quem governa e tem que tomar decisões, mas não é igualmente fácil estar no papel de quem vê os seus pequenos negócios e as pessoas que deles dependem, esfumarem-se sem perspetivas de um regresso à normalidade**”

quem governa e tem que tomar decisões, mas não é igualmente fácil estar no papel de quem vê os seus pequenos negócios e as pessoas que deles dependem, esfumarem-se sem perspetivas de um regresso à normalidade. É legítimo deixar toda esta gente neste limbo dramático que vai traduzir-se em consequências brutais para a economia, o emprego, a saúde e o bem-estar?

Na verdade, os impactos da pandemia estão a atingir duramente todos os países e os nossos principais parceiros estão também eles, em cenário de confinamento mais ou menos duro. Assim, também a maior parte das economias europeias e mundiais apresentam um comportamento recessivo e mais fechado às nossas exportações. Em paralelo, o pequeno comércio, restauração e hotelaria verão milhares de empresas e empregos desaparecer. Não haverá oportunidades de emprego para jovens recém-licenciados e não poderemos contar com o motor do turismo para relançar a economia. Os pequenos empresários, em geral, estão a viver uma desmoralização ímpar que impedirá muitos deles de regressarem aos seus negócios. E, curiosamente, as grandes empresas parecem continuar a fluir e, as muito grandes empresas parecem conhecer uma prosperidade inaudita...

Na verdade, impunha-se que neste tempo que nos permitiu aprender muito sobre a doença e sobre o comportamento da economia em cenário de pandemia, o governo tivesse fortalecido e reforçado a resiliência do SNS; que tivesse melhorado a planificação para fazer face aos diversos cenários, prevendo o papel dos diversos agentes para cada fase e momento da pandemia; que trouxesse um discurso unificado e coerente que fornecesse um direcionamento claro a todos nós, população, empresas, sector social e serviços públicos. Na verdade, não é isso que está a acontecer. E, na presença de potenciais instrumentos para nos ajudar a lidar com a crise, como a dita “bazuca europeia”, em vez de uma visão e de um caminho para a saída da crise, vemos os agentes do costume a marcar posição para um potencial “assalto” aos fundos e, pasme-se, o Ministério Público já em ação. Em paralelo, o país fica estupefacto com a disponibilidade de fundos para “auxiliar” a TAP e os bancos, mantendo as torneiras fechadas para quem verdadeiramente necessita destes fundos: o SNS, as empresas e as famílias. Na verdade, não é verdadeiramente disto que estamos necessitados. Não há saúde sem economia do mesmo modo que não há economia sem saúde.

Depois de termos aplaudido o prémio Nobel para os economistas da teoria comportamental, continuamos esquecidos dos “efeitos dos fatores psicológicos, sociais, cognitivos, emocionais e dos fatores económicos nas decisões de indivíduos e instituições”. Não será tempo de cuidarmos a sério de todos os que estão a sofrer com a pandemia e se sentem incapazes de lidar com toda a adversidade e com toda esta incerteza? Não será tempo de deixar a linguagem do medo e do desespero? Não é tempo de nos recentrarmos e devolver ao país uma palavra de esperança?

Depois de termos aplaudido o prémio Nobel para os economistas da teoria comportamental, continuamos esquecidos dos “efeitos dos fatores psicológicos, sociais, cognitivos, emocionais e dos fatores económicos nas decisões de indivíduos e instituições”. Não será tempo de cuidarmos a sério de todos os que estão a sofrer com a pandemia e se sentem incapazes de lidar com toda a adversidade e com toda esta incerteza? Não será tempo de deixar a linguagem do medo e do desespero? Não é tempo de nos recentrarmos e devolver ao país uma palavra de esperança?

CUIDE DE SI

CUIDE DE NÓS

USE Máscara

MANTENHA distância física

LAVE as Mãos

914 002 473
www.automondego.pt

75 ANOS
AUTOMÓVEIS DOMONDEGO
Grupo
75 ANOS | 1945 - 2020

OS DESCONTOS SÃO POR NOSSA CONTA
9 A 15 DE NOVEMBRO
ANTANHOL - COIMBRA SUL

DESCONTO ATÉ 4.000€
PEUGEOT 208
ACTIVE ELÉTRICO 100 KW 5P

DESCONTO ATÉ 8.000€
PEUGEOT 308 SW
ALLURE 1.5 BLUEHDI 130 CV CVM6

CONDUZIMOS GERAÇÕES

Imagem não contratual | Limitado ao stock existente

JÁ SÃO 10 CONCELHOS EM RISCO MÁXIMO NA REGIÃO DE COIMBRA

Norma dos 240 novos casos por 100 mil habitantes nos últimos 14 dias >Pág 6

www.asbeiras.pt #diariosbeiras whatsapp 914 865 086

DIÁRIO **as beiras** 101586
SEGUNDA 09 nov. 2020 0,80 € (IVA incluído)
edição nº 8266

diretor: Agostinho Franklin

Futebol distrital regressa oito meses depois

Emoções não faltaram, mesmo com a ausência de público > **beirasport**

Coimbra Ecovia está de volta com seis parques periféricos >Pág 7

Penacova Feira do Mel e do Campo foi sucesso em formato digital >Pág 13

Região Centro Turismo do Interior propõe escapadinha em teletrabalho >Pág 11

Cantanhede Aposta no Enoturismo para valorizar "terroir de exceção" >Pág 13

Empresas Pop Shop – Casa das Gabardines faz 45 anos >Pág 24

a nossa opinião,
hoje, no Diário As Beiras



João Vaz

Pandemia



Pedro Malta

Orçamentos em tempos de crise



Arnaldo Coelho

Não será a hora de uma palavra de esperança?